

Pequenos partidos podem avançar

O comportamento político dos eleitores de Brasília ainda pode ser considerado uma incógnita e, ao que tudo indica, ele deverá ser bastante impreciso nos próximos pleitos. Os pequenos partidos poderão surpreender em termos de votação, ocupando espaços de outras agremiações mais fortes como o próprio PMDB. Quem faz esta avaliação é o professor Benício Schimidt, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, que nos últimos anos vem desenvolvendo estudos sobre os diversos aspectos da realidade política do Distrito Federal.

A conquista da representação pelos brasilienses, segundo Schimidt, serviria como uma espécie de porta aberta para o crescimento de outras atividades tanto no Plano Piloto quanto nas cidades-satélites. Na sua opinião, um exemplo disso seria a própria área cultural. Em Brasília existiriam dezenas de pessoas trabalhando para dar ao Distrito Federal uma maior autonomia cultural, mas tais iniciativas, por mais repercuções que possam obter, acabariam esbarrando nos limites da burocracia e na rigidez da falta de uma política dirigida claramente para o setor.

Ó direito ao voto, por outro lado, forçaria uma mudança radical nas relações políticas entre todos os seg-

menos sociais da cidade. O primeiro reflexo do impacto da medida certamente atingiria a população jovem. Com o Coma representação política, a própria Universidade de Brasília poderia passar por uma profunda reformulação, aproximando-se mais de seu projeto original e, por extensão, da própria comunidade. A UnB, com base na avaliação de Schimidt, teria condições de desenvolver alguns projetos em comum com as várias secretarias do GDF, promovendo a cultura local e patrocinando a busca de soluções inovadoras para problemas aparentemente insolúveis como transportes, habitação, urbanização, entre outras atividades.

Ao mesmo tempo, democratizada, a Universidade passaria a receber lideranças sindicais, comunitárias e empresariais, gerando um debate permanente sobre diversas questões de grande transcendência para a vida social local.

REPRESENTAÇÃO

Sempre trabalho com o conceito de que a comunidade brasiliense apresenta um índice de politização formidável, o professor da Universidade de Brasília acredita que neste momento é difícil definir com propriedade a forma da representação política. Entretanto, ele acredita que no

mínimo é de se exigir que a comunidade eleja o seu governador e representantes para o Senado e Câmara.

A prudência na definição dos prazos das eleições para Brasília seria recomendável, até mesmo para evitar uma abstenção além dos padrões nacionais. Este perigo estará colocado se os partidos não tiverem tempo de se organizarem e de atingir a população com a propaganda dos seus candidatos.

O eleitor brasiliense, de acordo com a avaliação de Benício Schimidt, em face da inexperiência, correria o risco de assumir um comportamento um tanto "messiânico". Com isso, os nomes assumiriam uma prevalência em relação às próprias siglas partidárias, impossibilitando a formulação de uma análise real sobre a força das correntes políticas existentes neste momento.

Por abrigar uma população de nível cultural elevado, o professor do Departamento de Sociologia da UnB arrisca o palpite de que Brasília deverá apresentar um comportamento eleitoral nos mesmos padrões de Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, de marca oposicionista. Segundo esta avaliação, em tese o PDS tenderia a se complicar politicamente, enquanto o PT e o PDT poderiam surpreender.